



entrevista com
marcos maciel

Entrevista com Marcos Francisco Maciel, músico, contraguita de Folia e professor de viola. Nascido em Brasília-DF em 21 de novembro de 1973. Entrevista realizada no Museu Artístico e Histórico de Planaltina, Planaltina-DF, dia 11 de maio de 2018. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Sara de Melo, Daniel Choma e Tati Costa.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Domingos: Como começou a relação da sua família com as Folias em Planaltina?

Marcos: Meu tio começou a ir na Folia com nove anos de idade e meu pai com oito. Isso mais ou menos na década de cinquenta. Meu tio está com setenta e quatro, setenta e cinco anos ele faz esse ano. [Quando] Joaquim [de Felipe] era menino, meu tio já era guia de Folia. Joaquim tem sessenta anos. Joaquim fala assim: “Marcos, eu era menino seu tio já era guia de Folia.” A coisa é muito bonita, essa tradição que veio. Aí meu tio aprendeu com o meu tio avô e meu tio me ensinou. Então você vê, um tio passou pro sobrinho e pro outro sobrinho. Lá onde Joaquim mora hoje em dia era a casa desse meu tio avô. Na época nós chamava rua da Palha, rua Piauí tem ali embaixo, onde antigamente tinha Folia de Reis, naquela rua. Nessa época meu pai era folião. Meu pai era folião até quando ele casou, depois ele parou. Por causa do casamento aí veio filho, aí trabalhava no serviço público e naquele tempo era barra conseguir um dia pra sair. Hoje em dia você pega um ofício, antigamente não. Pra sair do serviço só férias mesmo e olhe lá. Mas assim, a história é muito grande. Quando foi em [19]84 começou a Folia de Roça entrar na cidade. Mais ou menos assim a história, eu não sei te falar direito não. Não vou falar porque não sei se estou certo, mas eu sei que no calendário da festa, em 84, Souza Lima é o primeiro festeiro da Folia de Roça que vinha pra cá. E aí de 84 até agora, já vai ser a trigésima quinta eu acho, se não me engano. Mas começou, ele resgatou essa Folia em [19]72, mas antigamente não vinha à cidade, era diferente. Eu não sei como é que funcionava. Mas ele vai te falar direitinho. Aqui dou o telefone dele, você consegue falar com ele ainda esse mês. Você vai colher muita coisa sobre essa Festa do Divino aqui. Porque assim, por exemplo, Zito, Ester, eu, somos mais novos que ele. Então a fonte mesmo é ele. A gente sabe também porque bebeu daquela fonte lá. Tem pessoas que não fazem isso. Eu costumo valorizar as pessoas mais antigas porque eles que são a fonte da gente, os mais novos. Eu aprendi com eles. Tanto que quando eu comecei a guiar a Folia eu não via rapaz no meio dos velhos, só tinha eu. Os caras ficavam: “quê? No meio desses velhos...” Eu falava: “é aqui que eu quero ficar mesmo, que eu vou aprender.” Porque lá que eu aprendi. Aprendi a bater caixa, pandeiro, rebeca, dançar catira. Tudo eu aprendi com eles, se não fosse eles... E hoje em dia você não vê mais jovens aprendendo a Folia aqui, poucos, poucos, poucos. Guia de Folia aqui em Planaltina, se eu não me engano, dos mais novos tem eu, o Denival e um rapaz chamado de Rafael. Mas tudo de idade acima de cinquenta. Os mais novos, eu, depois Denival e Rafael. Porque o pessoal não vem não, infelizmente. Mas fora você acha muito jovem tocando assim, Formosa, no interior de Goiás, Minas tem muito jovem. Mas aqui não sei se é porque é cidade, aí o jovem fica: ah, negócio de tocar viola, ficar no meio dos velhos... Pois é, lá que está o segredo da coisa!

Domingos: Como é que foi o seu aprendizado, até você ser guia?

Marcos: Eu comecei a girar Folia em [19]93, com dezenove anos. Eu fui pegar a Folia com a intenção de tocar violão igual ao meu pai. Nunca pensei de ser guia de Folia, nunca imaginava. Aí eu comecei a girar Folia tocando violão. Eu fui a primeira vez na Folia de Reis aqui em Planaltina... Eu conhecia Folia já, eu ia assim, uma hora ou outra. Eu conheci Folia

mesmo pra valer em [19]86, com doze anos, mas eu não girava não porque estudava e meu pai também não ia, trabalhava. Mas quando eu fiz dezoito anos, porque meu pai era muito sistemático, não podia ir pra longe porque menor de idade não vai pra longe. Porque naquele tempo a rédea é curta comigo, meu pai é desse jeito. Quando foi com dezoito anos eu comecei a vim a participar da festa aqui em Planaltina. Aí já era maior de idade, podia sair sozinho. Aí só avisava: pai, estou indo a tal lugar, volto tal hora. Pronto, está bom pra ele. A importância ali estava. Aí vi passando na rua, escutei o pessoal cantando. Cheguei, falei, perguntei: “o Vítor está?”. “- Está não, ele foi pra casa dele, volta amanhã”. Eu: “então tá jóia.” “- Você é quem?” “Sou sobrinho dele.” “- Rapaz, você é sobrinho do Vítor?” O cara já me chamou pra conversar: “filho de quem?” “- Eu sou filho do Moacir.” “- Rapaz, conheci seu pai quando ele era menino!” Aquele negócio todo. Fui pra casa. Isso foi dia 31 de dezembro. Eu voltei dia primeiro de janeiro. Aí meu tio estava. Cheguei: “tio, quero participar da Folia, como é que faço?” Ele: “não, fique perto de mim aqui.” Aí teve o cantor. “- Você vai fazer o quê?” “- Quero tocar violão.” Aí ele: “deixa meu sobrinho tocar violão.” Aí eu comecei a tocar violão na Folia. Toquei, o pessoal ficou: “rapaz, mas esse rapaz toca bem demais.” Porque eu tocava já desde criança e eu via o pai tocando em casa, então eu sabia muita coisa de Folia sem ter ido. Por causa do meu pai que me ensinou a tocar violão e ensinou a tocar viola. Lá toquei, o pessoal: “rapaz...” E eles são muito curioso com instrumento. Aí falei: “tio, eu quero tocar uma caixa.” Ele: “não, vou deixar, pera aí.” Aí teve um cantor do giro, aí ele: “deixa meu sobrinho bater caixa.” Aí fui, bati a caixa lá. Eles: “mas rapaz, você nunca veio aqui já está batendo caixa!” Aí comecei a tocar caixa. Aí no outro, aí andando a Folia, eu falei: “tio, queria tocar o pandeiro.” Ele: “não, vou te colocar, pera aí.” Aí pegou o pandeiro e me deu. Toquei o pandeiro também. Isso tudo no mesmo dia. Quando foi à noite, eu: “tio, quero tocar o reco-reco.” “- Não, tá bom.” Ele colocou, aí toquei. No mesmo dia que eu fui a primeira vez toquei violão, caixa, reco e pandeiro. E o pessoal impressionado comigo. “- Como é que esse rapaz? De onde esse rapaz saiu? O que esse rapaz faz?” Só que eu já tinha, em casa... Meu pai fez um reco pra mim de madeira com a mola e eu ficava lá em casa ouvindo os discos de Folia e tch-tch! Eu pegava lata de cera, tirava o fundo e fazia tamborzinho... Então eu sempre fui curioso com música, comecei a tocar violão com seis anos de idade. Sempre gostei de música e Deus me ajudou bastante na Folia. E quando a gente era criança que morava aqui em Planaltina, meu pai e meu tio, o pai do Valterismar começou a ensinar catira com a gente, os meninos, na época. Ele era catireiro também e os irmãos dele. Só que isso foi mais ou menos, eu tinha o quê? Uns seis anos de idade. Aí ensaiamos, mas nunca rendeu. Ensaçou lá, eu aprendi com eles lá, com meus primos, meu pai e meu tio. Mas o meu pai também foi embora pro Vale do Amanhecer, aí a distância acabou... Mas nunca esqueci da Folia. Eu sempre vou pra Folia e meu pai: “não, não vai não, você não pode ir lá não.” Quando eu fui, fiquei rapaz, eu caí na Folia! E quando foi no outro ano falei: “vou na Folia de Roça.” Que é essa Folia aqui. Tá aí, como é que vou? Não conhecia ninguém. Não conhecia Joaquim. Não conhecia ninguém. Joaquim eu conhecia só de vista. Aí: “tio, quero ir na Folia de Roça.” Eu vou falar com Joaquim, vou ver de você ir. E eu não tinha cavalo nem nada. Não conhecia ninguém, meu tio falou assim: “olha, vai ter

um caminhão que vai carregar os foliões lá.” Falei: “não, vou nele, não estou nem aí, quero ir pra Folia.” Aquele caminhão gaiola moço, que carrega gado. Aí eles forram o caminhão, colocavam os sacos, as bolsas, a gente ia em cima dele. Chegava no pouso, só terra. Eu não estava nem aí, estava na Folia estava feliz demais! Aí comecei a ir, eu conheci Joaquim nessa época. E chegou um dia, vou lá na Folia com o violão, alvorei no violão. Primeira vez que eu fui na Folia alvorei no violão. E aí comecei a tocar violão, caixa, pandeiro. Aí eu falei: “tio, eu queria contraguiar, responder pro senhor.” “- E você dá conta, meu filho?” Falei: “vou tentar, não é tio?” Eu sou muito audacioso nesse ponto da música. Eu não tenho medo não. Aí ele: “então tá.” Aí fui cantar com ele. Naquele tempo a gente cantava assim: ele fazia um verso e repetia. Esse processo que na Folia um canta um verso, outro responde, repete o verso que eu cantar. Antigamente era assim o sistema nosso na Folia. E eu fui e cantei tremendo, nervoso que só. Aí me deu parabéns, o pessoal: “rapaz, mas esse sobrinho fora do comum, bate caixa, pandeiro...” Aí tá. Eu fui à Folia todinha nesse mesmo esquema. E eu tinha pedido pro meu tio Vítor uma cópia de um bendito de mesa. E decorei sozinho, eu ficava estudando em casa. Pegava aqui e ficava no quarto treinando e cantando. Naquela época não tinha CD, não tinha nada. Eu pegava um gravador, uma fita cassete, me gravava cantando e respondia pra mim mesmo, treinando no meu quarto. E meu pai ficava de fora: “está desafinado, está ruim.” Meu pai é desse jeito: “está fora.” Aí ele vinha: “vamos nós dois cantar.” Cantava nós dois. Cantava lá em casa, ele ficava em pé assim do meu lado cantando comigo. Aí voltando à Folia de Roça, fui lá e comecei a cantar nessa Folia. Aí foi indo, quando foi em [19]96 eu fui de novo e comecei contraguiando. Aí quando foi mais ou menos já em 99 pra 2000 eu peguei em casa e comecei a cantar como se estivesse na Folia, saudando um altar, sozinho. E ficava na cabeça cantando e escrevendo os versos pra poder assimilar. Escrevendo os versos, escrevendo os versos, escrevendo os versos. Aí meu tio morava em Planaltina de Goiás. Eu ia pra casa dele: “tio, esse verso aqui como é que está?” Ele pegava os meus versos. “- Olha, esse verso está fora do lugar. Esse está errado aqui.” Ele fazia uma correção pra mim. Então eu chegava em casa de novo, imaginava uma situação da Folia, o altar, a bandeira e fazia aqueles versos ali. Em cima do que tinha visto os guias cantando, porque sou muito observador. Quando eu tocava violão, quando o guia cantava ele falava, eu olhava, falou no santo, falou na imagem, eu ficava de olho naquilo ali. Sempre ficava atento. Quando não estava tocando estava perto. Era assim, eu não ficava no meio do povo, não saía não. Tinha o cantório aí a equipe estava lá, eu estava aqui do lado, pregado ali. Escutando tudinho e observando o que ele falava. E esse meu tio Vítor falava: “não meu filho, o folião chega no pouso ele tem que estar sempre perto do altar.” Porque quando a caixa bater ele está pronto para entrar. Porque quem chama o folião é a caixa. Não tem gritar: “ô fulano.” A caixa bateu tem alguma coisa pra fazer na Folia. Então se está aqui a turma de folião conversando, aqui é o pouso. A caixa bateu todos vêm, alguma coisa, ou é uma reunião, ou é um trabalho que vai fazer, ou é pra jantar, pra almoçar, sempre a caixa é o aviso da Folia. Então sempre fui assim, porque meu tio também era muito sistemático, igual o meu pai. Ele não dava mole pra ficar assim. E eu também já fui com esse propósito mesmo de aprender. Não fui com propósito de bagunçar, de dançar. Não, meu propósito era

aprender a ser folião. Ser igual meu pai, violonista. Nunca pensei em ser guia, isso foi naturalmente. E escrevendo, continuando os versos, eu escrevia os versos lá em casa, ia pra casa dele final de semana, dormia lá, ficava conversando, cantando catira. Ele me contando história dele, como ele começou a guiar Folia, como foi a vida dele com meu pai na roça, aquele negócio todo, que eles são de Goiás. Aí me contava... “- E aí tio?” “- Ah, o outro é melhor.” Ele falava: “Só que meu filho, essa cópia aqui você vai ter só como embasamento porque na Folia você canta na hora. Não é verso feito, é verso improvisado conforme a pessoa te explica. Isso aqui é só pra você ter uma noção da sequência que tem, por exemplo, num cantorio de Folia, começo, meio e fim. Mas não quer dizer que você vai cantar o que está escrito aqui. Não, isso aqui é só pra você ter uma ideia.” Porque lá na hora, vamos supor, chega dizendo assim, Marcos, chega na cantoria de promessa: porque eu tive doente, fui curado. Então é isso. Aí os versos vão vim pelo Espírito Santo, inspirado e eu vou falar. E geralmente a gente não lembra verso que fala. Quando canta, que acaba, o que você falou ali? Eu não sei te falar, sério mesmo! Eu falo por mim, não sei outros guias, mas por mim, se eu cantar num lugar, um cantorio, saudar um altar, depois do que passar não vou lembrar. Porque é feito na hora, vem ali inspiração do Divino, você abaixa a cabeça, pede inspiração e começa a cantar. E vai botando seu coração, os versos. E tem que ser rimado. Principal. Meu tio já dizia bem assim. Meu tio e meu pai falavam, Joaquim também: “o cantador bom tem que rimar verso.” Isso é na Folia. Um repente do Nordeste, como que é? Tudo rimado. E eles têm um tema, camisa vermelha, pronto. É o que eles querem, só o tema. E mesma coisa a Folia também. Chega assim no guia: “eu fiz uma promessa porque eu tinha um cavalo, caí do cavalo, quebrei a perna, o Divino me curou.” OK, vamos lá. Então aí a gente fica de joelho ou fica em pé, conforme ele se sentir à vontade, faz a cantoria desse jeito. Quando foi em 2000 tinha uma Folia de Reis aqui em Planaltina, meu tio Vítor era o guia. Aí eu cheguei, falei: “tio, quero fazer a despedida.” Ele olhou pra mim assim: “então tá bom. Mas você responde pra mim que é a primeira vez que vou fazer.” Ele me entregou a viola, fui lá e fiz a despedida. Tremendo, sempre nervoso. Aí quando acabou o pessoal: “esse rapaz fez uma coisa maravilhosa...” Aí falou: “mas e aí Vítor, de onde ele veio, essa coisa do seu sobrinho?” Perguntavam pra ele e eu ficava calado. Mas aí o pessoal: também, puxou o tio!” Aquele negócio todo, puxou o pai. Daí eu comecei a guiar do ano 2000. Comecei a guiar a Folia foi aí, a cantar na frente. Guiar não, a cantar na frente. Aí 2000, 2001, 2002, quando foi em 2003 Joaquim foi guiar a Folia de Reis de seu Fidêncio que era o festeiro. Aí chegou na hora de afinar as violas lá, que eu que afino as violas lá junto com Joaquim. Abaixei, fiquei de cócoras, afinei a viola. A minha, afinei a viola do meu tio e a dele. Até então quem alvorava a Folia era os dois, eu não sabia que seria eu. Ele afinou a viola, aí eu levantei, ele disse: “não, é você que vai alvorar a Folia.” Eu olhei para um lado, olhei para o outro, eles me cercaram aqui, eu querendo, a minha ideia era correr! É você que vai alvorar a Folia. Eu falei: “não Joaquim, nunca fiz isso.” “- Não, é você que vai alvorar.” “- Mas Joaquim...” “- Não, é você.” Meu tio: “meu filho, você está pronto pra isso.” E eu: “não tio, não dou conta não.” “- É você.” E ficou meu tio, Joaquim, os foliões: “não, é você mesmo.” Eu não esperava, foi assim, abaixei aqui pra afinar a viola, quando entreguei pra ele: “é você.” Aí falei: “e agora, o que

eu vou fazer? Eu vou ser seu contraguia.” Falei: “Joaquim, não dou conta não Joaquim.” “- Não, é você mesmo, acabou, não tem conversa não.” Aí o alferes pegou a bandeira em posição. A minha camisa fazia assim *[demonstra com as mãos a camisa tremendo]*. E alvorei a Folia. Daí em diante comecei. Aí meu tio sempre falava... Eu chegava, cantava: “o quê que faltou tio?” “- Faltou isso...” Aí ele me orientava. E Joaquim foi um guia que me deu apoio e oportunidade de cantar na frente. Todos os guias, eu agradeço muito meu tio Vítor, em primeiro lugar, que me ensinou a cantar e Joaquim que me acolheu, me deu oportunidade e me ensinou a conduzir a Folia. Então os dois têm muita importância na minha vida. O meu pai, primeiramente, porque me ensinou a tocar viola e violão. Os três nomes de referência pra mim na Folia: meu pai, meu tio Vítor e Joaquim. Joaquim me deu oportunidade de alvarar a Folia, deu oportunidade de cantar catira. Ele colocou o nome dele em risco quando eu alvorei a Folia no lugar dele. Porque guia de Folia é uma posição muito importante, muito delicada, toda Folia está sob o comando dele. Se der a coisa certa é o guia, se der errado é o guia também. Então é um peso muito grande pra um guia de Folia. A palavra guia de Folia, pra quem tem fé no Divino Espírito Santo mesmo, quem vai com devoção, ela tem um peso muito grande e é de uma grande importância. Então quando foi de 2000 pra cá foi acontecendo isso. Quando foi em 2016 essa Folia de Roça aqui, o festeiro e o Joaquim decidiram que a Folia não ia ter mais só um guia, teria dois guias, Joaquim e eu. Mas antes disso, vou contar como comecei, cheguei a esse fato. Joaquim era guia da Folia, então quando foi mais ou menos em [19]98, 99, ele chegou em meu tio Vítor para eu ser o contraguia dele e meu tio Vítor aceitou. Ele falou assim: “quem sou eu pra chegar perto de você, que é o mestre nosso? Mas eu preciso de você do meu lado.” O meu tio Vítor: “não, estou contigo Joaquim.” Aí meu tio passou a ser o contraguia oficial de Joaquim, contraguia dele nesses anos todinho. Quando foi em 2001, 2002 meu tio adoeceu, deu um derrame mas ele ficou bem, graças a Deus. Mas ele foi sentindo, quando foi em 2009 ele chegou em Joaquim primeiro: “Joaquim, eu não vou cantar mais, não vou ser seu contraguia mais que estou cansado, vou colocar o Marcos no meu lugar, você aceita?” Joaquim aceitou. Só que eu não sabia também. Aí eles dois veio aqui e conversaram e meu tio falou: “ó, enquanto eu estou cansado o Marcos fica no meu lugar quando vou lá, faço a minha parte e vou dormir mais cedo.” Porque o guia de Folia, eles são os primeiros a acordar e o último a dormir. É. Todo dia é isso. Durante sete dias a gente acorda seis horas da manhã e dorme em torno de uma e meia da manhã. O dia todo nessa função. Então meu tio ainda estava, chegou a idade. Então ele falou pro Joaquim e ele aceitou. Aí foi em minha casa: “meu filho...” Bateram na porta, acolhi, sentou: “vim conversar com você.” Eu: “tá tio, quê que foi?” “- É, eu vou te por no meu lugar.” Aí eu: “como assim?” Na Folia de Roça agora você vai ser o contraguia de Joaquim. Eu: “não tio, é muito peso, é muita responsabilidade pra mim.” “- Não, é você mesmo, Joaquim disse que não tem outro.” E eu não queria de jeito nenhum, mas meu tio: “é você mesmo.” “- Tio, pelo amor de Deus tio, o senhor está bom ainda, está sadio.” “- Não, eu estou sadio mas eu estou cansado, chega lá eu quero dormir cedo.” “- Não tio, não.” E ele: “não, é você mesmo. É você mesmo. E já falei com Joaquim.” “- Já falou?” “- Já, estou vindo da casa dele agora.” Então falei: “tá, vamos lá tio, já que o senhor confia em mim. Mas

olha tio, eu não estou pronto, o lugar é do senhor. Eu vou porque o senhor está me colocando lá, mas se o senhor quiser voltar está à disposição.” Ele: “não, meu filho, é você mesmo!” Em 2009 eu comecei a contraguiar com Joaquim, desse ano em diante. Aí começou, a coisa mudou pra mim já. A responsabilidade ficou maior porque tudo que Joaquim ia fazer decidia comigo. Tem reunião tal hora, vem pra cá. Antes eu não era assim, eu ia pra Folia pra ajudar Joaquim e meu tio Vítor, estava tranquilo. De 2009 pra cá a coisa mudou completamente pra mim. Joaquim: “ó Marcos, vai ter essa reunião tal hora.” Tinha que vim pra reunião, encontro... Aí começou a mudar, o peso tornou-se maior, mas ao mesmo tempo o coração ficou alegre de saber que eu estava com esse compromisso com o Espírito Santo. Aí em 2016 o alferes junto com Joaquim, também reuniram os dois sem falar comigo de novo... Eles só fazem isso comigo, só me pegam de surpresa, eles não avisam antes não, pra mim não! Aí os dois decidiram que ia ser dois guias e que eu ia alvarar a Folia. E eu não sabia também. Só que aí avisou com antecedência. Um dia me chamaram numa reunião nós três: “ó Marcos, a partir desse ano a Folia não vai ter mais um guia, vai ser dois, você e eu. E esse ano você vai alvarar. Você alvora num ano, eu alvoro no outro.” Eu: “não, Joaquim...” Aí acabou, ele fala uma coisa não adianta eu retrucar. Então tá. Quando foi em 2016 a gente alvorou a Folia lá na Água Fria também e eu fui o guia na Folia junto com o Joaquim. Mas eu estava à frente como alvorado, na verdade Joaquim é o cabeça e ele me deu a oportunidade de alvarar a Folia com ele pra poder aprender. Aí nesse dia eu vi o tamanho da responsabilidade. A gente estava andando a cavalo, eu olhei pra trás, que eu vi aquele tanto de gente me seguindo. Aí eu fui ter noção do tamanho que é o compromisso de um guia com a Folia. Você está aqui na estrada a cavalo, você olha pra trás tem trezentas pessoas te seguindo, trezentos e cinquenta cavaleiros. Está a bandeira e você do lado da bandeira, você olha para trás assim e pensa: meu Deus do céu, esse povo aí está me seguindo! É como se fosse um pastor com seu rebanho. Então é muito bonita essa missão de um guia de Folia. Eu falo, não falo por mim, pra todos os guias que eu conheço, Joaquim, meu tio Vítor, os guias como seu Dizo, que já faleceu, o Miro que é o filho dele, que são guias excepcionais. Seu Dizo era um guia que começou com meu tio Vítor, os dois se conheceram adolescentes, as histórias deles se conheceram há muitos anos atrás. O Miro que é o filho do Dizo, é um guia e um grande violeiro também de Planaltina de Goiás, seu Florentino Alves também que é outro guia de Planaltina também... Então são esses homens assim... São homens que têm o dom divino. Eu me considero um aprendiz ainda perto deles. Porque a divindade a gente vai crescendo, crescendo, crescendo, envelhece e morre e não aprende tudo. Não tem fim. Deus é infinito. Esses homens são pra mim inspirações. A Folia que eu posso te falar da minha parte é essa. A Folia começa assim, tem a alvorada. Primeiro a alvorada é quando começa a Folia. Ali o guia vai cantar alvorando os foliões, ou seja, dando pra cada folião a sua missão. O caixeiro, o violonista, o pandeirista, o reco-reco, o rebequista, o sanfoneiro, os regentes, os tropeiros e os mussungueiros e toda a companhia ele vai alvarar. A Folia ali começa. Então cada um vai ter sua missão durante aqueles nove dias ali, ou sete dias, depende de acordo com a festa. Então ali o guia canta alvorando a Folia, iniciando a Festa do Divino, começa com a alvorada, ali é o início da Festa. Aí quando

acaba a alvorada em seguida vai saudar o altar. Aí o que é saudar o altar? Tem o altar mais ou menos com a imagem de Nossa Senhora Aparecida, Espírito Santo, a Bíblia, o terço e o crucifixo. Então o guia vai cantar no altar. Eu vou falar o que aprendi com meu tio, cada guia tem sua concepção, mas o que aprendi com meu tio. Aí no altar canta a criação do mundo, como Deus criou o mundo e vai saudar aquelas imagens que estão ali no altar. Depois saudou o altar, aí vai mandar ajoelhar, passa a bandeira para as pessoas que é fazer a vênia, passar a bandeira para as pessoas. Pega a bandeira e passa por cima de todo mundo assim com a bandeira, três vezes. Por que três vezes? Porque é o pai, o filho, o Espírito Santo. O significado é esse do três, a trindade santa. Passa três vezes a bandeira e volta pro lugar. Aí canta, acabou o cruzeiro, o altar. Aí tem a ladainha para Nossa Senhora. Você já conhece a ladainha de Nossa Senhora, ladainha em latim de Nossa Senhora? Nunca viu não? É bom, você vai ver na Folia, porque é bem demorada. Então tem a ladainha de Nossa Senhora. Aí acabou a ladainha vem o jantar. Acabou o jantar vem o bendito de mesa. O que é o bendito de mesa? Agradecer ao dono da casa aquela refeição. A gente vem cantando ao redor da mesa, para ao redor da mesa e canta os versos em louvor ao Espírito Santo e ao dono da casa, agradecendo pelo jantar. Aí retorna pro altar de novo, acabou ali. Aí tem o catira. No caso da Folia de Planaltina tem uns dois, uns três catiras e depois tem um arrasta-pé. E aí acabou o arrasta-pé todo mundo vai dormir. No outro dia de manhã tem a missa. A gente acorda às seis da manhã, por volta de sete é o café. Temos a missa em torno de oito e meia e depois da missa aí tem o cantório, os cantórios. Tem de promessa que é o que eu te falei, a pessoa pede, faz uma promessa e vai pagar a promessa ali. A gente canta falando pra pessoa a promessa. Tem cantórios simples também de agradecimento, de promessa e cada cantório tem seu tema. Acabou o cantório a gente vai almoçar. Almoçou faz outro bendito de mesa de novo, outro bendito de mesa agradecendo o almoço. Como é alvorada não tem despedida. Aí acabou o bendito de mesa monta nos cavalos e segue estrada. Aí, vamos supor, primeiro pouso, que no caso vai ser segunda-feira, no dia quatorze [de maio de 2018]. Chegando no pouso a gente vai fazer o coração. O que é o coração? Os cavaleiros vêm assim nesse sentido aqui. Aqui é a casa e aqui é os cavaleiros. Faz isso aqui [*desenha com as mãos o formato de um coração*]. Dão três voltas e encontram aqui de novo e para em frente à casa. São três corações que de novo é pai, filho e Espírito Santo, ligado à santíssima trindade, os três corações. Aí a gente reúne os cavalos em frente e faz o canto de agasalho. O canto de chegada pedindo ao dono da casa o pouso, pedindo também o jantar, pedindo pra poder desarrear e soltar os animais e o pouso pros foliões. Tem tudo isso no verso, inclusive Joaquim que fez essa canção em [19]95. Ele que criou essa canção e colocou esse sistema na Folia. Acabaram de cantar ali desce cantando até o altar. Chegou na casa, cantou lá, aí para. Vai tomar seu banho, arrumar sua barraca. Quando em torno de 19:30h a gente volta. Aí vamos cantar no cruzeiro, lá fora, tem uma cruz lá em frente à casa. E no cruzeiro vai cantar o quê? Eu estou te falando o que eu aprendi com meu tio. Eu gosto de falar isso, cada guia tem sua concepção, seu modo de cantar. Cada região tem seu sistema e o sistema nosso aqui é que a gente vai lá no cruzeiro, canta. O que é o cruzeiro? Canta de quando Cristo é batizado até a ressurreição. Canta que foi batizado, foi pro deserto, fez milagres, ceou com

os apóstolos. Aí foi preso, condenado, julgado, morto e ressuscitado. Termina ali. Aí a gente saúda o que tem no cruzeiro. Tem os ornamentos, tem as flores, tem as velas, saúda o cruzeiro todinho ali. Fez esse trabalho do cruzeiro, volta pra dentro da casa aí vai saudar o altar de novo. Do mesmo jeito que te falei, o mesmo trabalho, saudou o altar aí volta, aí vai tudo de novo, igual na alvorada. Saudou o altar, ladainha, jantar, o catira e o arrasta-pé. De manhã aí de novo, a santa missa, o café da manhã, santa missa, os cantorios, o almoço, bendito de mesa. E aí tem a despedida. Porque foi pouso, agradecer o pouso pro dono da casa, agradecer a alimentação, a acolhida. Feito isso outra vez vai pra outra casa e assim repetindo durante todos esses cinco dias. No caso esse ano são cinco pousos até chegar aqui em Planaltina no dia dezanove, onde tem o encontro aqui em frente à paróquia São Sebastião em torno de treze e quinze [horas], todas as Folias da cidade. Vêm das sete paróquias em procissão, cada uma no seu lugar, se encontra aqui, as bandeiras se cruzam, muito bonito. Aí no outro dia acabou a ceia, cada um vai pra sua casa de novo. Tem o almoço da paróquia aqui da cidade, no outro dia. No domingo de manhã nós temos o café da manhã da Folia de Roça. Toma o café da manhã, sai a cavalo pra São Sebastião aqui. Aí tem uma missa dos foliões de roça. Temos a missa dos foliões de roça. Vai começar nove e meia, dez horas mais ou menos, da manhã. Aí sai a cavalo de novo pela cidade até o almoço que vai ter aqui na outra praça ali embaixo que é a praça São Sebastião, se não me engano é o nome da praça lá. Tem o almoço lá. Nesse almoço tem a entrega dos troféus pros foliões, algumas vezes tem as violas. Quando almoça vem pra igrejinha de São Sebastião e entrega a Folia. Aí quem entrega a Folia? Vem entregar a missão pro Divino, aí desalvora todo mundo. Desalvora o guia, contraguia, toda a missão que você recebeu está sendo entregue pro Espírito Santo, está terminando sua missão ali. Acaba a Folia ali. Mas por exemplo, cada Folia tem seu sistema. A Folia das Posses que a gente guia também, que é no mês de julho, já não tem forró. Lá é só catira até amanhecer o dia. Lá não pode ter nenhuma espécie de som automotivo. Lá é proibido som automotivo mesmo. A Folia lá tem bem busca da raiz mesmo. Não que a nossa de Roça não seja, é igual, só que a gente faz, a diferença das Posses com a de Roça é só isso, que lá não tem a dança, o forró. Mas as pessoas que giram a de Roça giram nas Posses também. As mesmas pessoas, os guias é Joaquim de Felipe e eu. Lá não muda nada, a diferença é só que não tem forró e lá tem catira até amanhecer o dia. Divide dois ternos, três ternos durante a noite e é só catira até o sol raiar, catira. Não tem dança. Ligou um som a gente vai lá e pede pra desligar o som. É proibido mesmo, não pode ter som em hipótese alguma lá. O som da Folia das Posses é o som da viola e das palmas do sapateado à noite. Não tem dança.

Tati: E ela também é em louvor a Espírito Santo?

Marcos: Espírito Santo. Só que ela é menor, lá são só cinco dias. Porque essa Folia foi criada mais também na minha intenção de resgatar, das crianças aprenderem. Tanto que é mês de julho por causa do recesso escolar para que as crianças possam ir e aprender a tocar viola ou dançar catira, conhecer a Folia. Tem muita criança na Folia das Posses justamente por isso, por questão da gente. Joaquim quando criou, foi o pessoal das Posses, é Joaquim com o

pessoal de lá porque essa das Posses é no Goiás. Eles juntaram as duas lá da região e essa Folia é mais também na intenção das crianças participarem. Porque essa Folia de Roça mesmo não dá muito pra eles, porque é época de aula, muitos estudam, muitos fazem faculdade, adolescentes, jovens, adultos também. E a Folia das Posses é todo mundo de férias da faculdade. Então da faculdade e escola vai muita gente.

Daniel: Onde acontece? Aqui em Planaltina?

Marcos: Na roça também. Só que essa Folia começa na roça e acaba na roça. Não vem pra cá não. Essa aqui, essa Folia de Planaltina vem na roça e encerra aqui. A das Posses não, começa na roça e termina na roça mesmo. Não vem aqui não.

Tati: É a Folia das Posses?

Marcos: É Folia das Posses, mês de julho que ela começa.

Domingos: Marcos, qual a relação religiosa, o que é o Divino? Tem a Festa do Divino Espírito Santo, o que é o Divino, a relação com a Festa?

Marcos: O Divino você vê é pai, filho, Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade. Então ele veio em pentecostes. Então a relação é chamada pentecostes, o Divino Espírito Santo sobre os apóstolos em pentecostes. A leitura da Festa é essa mesmo, comemorar o pentecostes. Cada pessoa vai te falar de uma forma diferente, mas eu participo da igreja. E eu vejo que a Festa do Divino tem esse intuito de celebrar o pentecostes que é o dia que o Espírito Santo veio sobre os apóstolos e Maria no cenáculo. Então a gente faz a novena, esses nove dias vai rezando, culmina com o dia vinte [de maio de 2018] celebrando pentecostes, que é o dia que o Espírito Santo vem do céu à terra. Aí eu vou te falar, como começou? É o que eu te falei, o Souza Lima é que eu acho que dá essa bagagem que você precisa pra poder concluir o seu trabalho.

Domingos: E qual que é a importância da viola na Folia?

Marcos: A importância da viola. A viola é o instrumento que dita o ritmo, que é da melodia. Eu te falo, depois da caixa o mais importante da Folia é viola, porque ela vai dar o tom da música, dar afinação pro cantador. Então é de importância essencial. O catira também, ela dita o ritmo do catira. *[Dedilha a viola]*. Nessa aqui eu vou te mostrar porque cada região tem um catira, o seu sistema. O nosso sistema a gente chama de buraqueira que ela é acelerada, a gente usa afinação chamada de Violado que é igual ao violão, mas aqui está de Guitarra, eu vou te mostrar só o ritmo que é aqui ó *[demonstra na viola]*. Esse aqui é o nosso ritmo de catira que é chamado de buraqueira, que é mais acelerada. Mas se você for na região de Formosa, por exemplo, lá eles chamam de chapadeira... *[Demonstra na viola]*. Ela é mais devagarzinho, é mais lenta. Mas então, a viola no meu ponto de vista é o instrumento que dita, que dá a melodia, que dá a harmonia e dita o ritmo da cantoria e do catira.

Domingos: E essa afinação então, como que é a estrutura, você pode falar pra gente, nota a nota?

Marcos: Na Folia eles não usam por nota a nota, afina pelo ouvido. É assim, vamos supor, pega na Folia, a viola e afina aqui. É o meu jeito de afinar, com a minha voz, eu venho, hummm [*dedilha a nota*]. Pra mim está confortável, então a partir daqui eu afino. Então seria aqui, afino aqui o quarto par solto com o terceiro preso na quinta casa. Ou quinto par igual o quarto. Aí aqui embaixo seria como se fosse o Cebolão, você começa ali [*dedilha a viola*]. O terceiro par na quarta casa com o segundo solto. Não vai dar certo porque essa viola aqui está meio empenada. E o segundo par com o primeiro par solto [*dedilha a viola*]. Por exemplo, se a gente afinasse pela sanfona que a gente usa na Folia, que é pé de bode, ela é Sol maior, aí seria aqui [*dedilha na viola*] Sol, Si, Ré. E aqui seria Sol também. Mas se você pegar na Folia nunca vai ter a nota precisa porque afina pelo ouvido e pelo tom de voz do cantador. Tanto essa afinação, a Guitarra, como a Violada também que é o catira. Toca aqui, essa posição aqui. Como se você pegasse o violão sem a corda Mi. Aí seria aqui olha, um Lá e um Mi. Mas não vai dar o Lá do diapasão, porque afinou de acordo com a voz do cantador.

Domingos: Mas essa afinação é a...

Marcos: Guitarra, eles chamam de Guitarra ou Guitarrada. Usa pra cantar a divindade, a cantoria, mas também, às vezes está no aperto, usa aqui pra cantar, por exemplo, o catira. Às vezes está num giro, tem que andar pra chegar no pouso logo, a gente vai e usa aqui mesmo pra não ter que afinar, demora a afinar, tem o barulho.

Domingos: Quais são os toques da Folia do Divino?

Marcos: Folia do Divino. Existem várias. Eles chamam de ramagem, de música. A do Divino principal é essa aqui, que a gente usa mais. Eu aprendi com meu tio porque meu tio fazia: “meu filho, a do Divino oficial é essa aqui.” Meu tio falava isso pra mim.

[*Toca na viola caipira e canta:*]

*Pai e filho, Espírito Santo
Pai e filho, Espírito Santo
Com esse fim de oração.*

Marcos: Aí, no caso, o contraguita repete o verso que eu falei. Mas hoje em dia Joaquim e meu tio fizeram um sistema diferente. Joaquim cantava um verso, meu tio falava outro. Chamam de cortar verso. Vamos supor, eu canto aqui:

[*Toca na viola caipira e canta:*]

Meu sentido foi no céu

*Meu sentido foi no céu
Depois na terra voltou.*

Marcos: Aí o Joaquim repete, ou meu tio, ou sou eu:

[Toca na viola caipira e canta:]

*Foi pedir Deus o poder
Foi pedir Deus o poder
É quem o mundo criou.*

Marcos: Esse sistema hoje em dia é por quê? Ganha mais tempo, não é? Se você no altar gasta uma hora, com esse a gente gasta meia [hora]. Então hoje em dia, eu e Joaquim, a gente canta só assim. Raramente um repete verso que outro fala. Esse cantório aqui é o que usa muito na alvorada e cantoria também, mas existem várias outras melodias diferentes. Por exemplo, essa aqui mesmo que meu tio e Joaquim usam muito também:

[Toca na viola caipira e canta:]

*Pai e filho, Espírito Santo
Fizemos sinal da cruz
São três palavras sagradas
Com o nome de Jesus.*

Marcos: Aí tem bendito de mesa, ele também tem várias músicas diferentes. Também vai de cada região. Eu vou te mostrar aqui a mais tradicional, que é mais usada. Quando sai do altar pra mesa tem uma melodia, quando chega na mesa tem outra melodia, quando volta outra melodia. Aí também depende de cada guia. A gente usa mais essa aqui:

[Toca na viola caipira e canta:]

*O nobre alfer pegou no mastro
Nós devoto acompanhou
Que vai agradecer a mesa
Desse nobre morador.*

Marcos: Aí vai indo a fila, chega na mesa, fica ao redor da mesa e canta essa aqui:

[Toca na viola caipira e canta:]

*Reuniu-se irmãos devotos
Todos presentes contritos
Na presença desta mesa
Vamos rezar o bendito.*

Marcos: Aí quando acaba esse verso entra o bendito de mesa mesmo que tem várias melodias, vou te mostrar aqui uma mais usada, que a gente fala que é a mais conhecida, essa aqui:

[Toca na viola caipira e canta:]

*Bendito louvado seja
Bendito louvado seja
As três palavras de Deus.*

Marcos: Essa é a mais simples, mas tem outras toadas diferentes também. Cada guia e cada região muda a toada e muda também a letra do bendito, também muda de acordo com o guia. Quando terminou o bendito de mesa canta assim:

[Toca na viola caipira e canta:]

*Esta mesa será abençoada
Porque o senhor vai derramar o seu amor
Derrama...*

Marcos: Isso você conhece, esse cantório é um canto antigo da igreja. Acabou esse canto aí volta de novo pro altar, cantando outra vez. Com a mesma melodia que foi volta também, depende de cada guia. Mas o verso muda, aqui é assim:

[Toca na viola caipira e canta:]

*Já agradeceu a mesa
E tornou-se a alvorar
E vai fazer uma visita
Pras imagens do altar.*

Marcos: Chegando no altar, se for no pouso à noite é pra cantar um verso pro Divino no altar e descansar aquela noite ali. Tem um verso próprio pra isso também que é outra melodia. Você quer ouvir?

[Toca na viola caipira e canta:]

*Divino Espírito Santo
É o esposo de Maria
Coloca ele no altar
De uma noite para o dia.*

Marcos: Aí coloca no altar. No caso da Folia das Posses a gente canta pras cozinheiras. Aí vai o terno de folião lá pra agradecer as cozinheiras que prepararam o jantar, lá na cozinha

mesmo, com a sanfona. Aí o verso é assim, eu não sou muito de cantar pra cozinheira não, eu não tenho prática, mas é assim o verso:

[Toca na viola caipira e canta:]

*Boa noite cozinheira / Escuta que eu vou falar
Boa noite cozinheira / Escuta que vou falar
Os folião do Divino / Que chegou para cantar
É os foliões do Divino / Que chegou para cantar.*

Marcos: Aí canta lá pras cozinheiras, os versos todos feitos na hora também, de acordo com o que está acontecendo ali. Acabou, volta pro altar de novo. Aí começa o catira, no caso da Folia das Posses. Porque a Folia de Planaltina às vezes não canta por questão de ter o forró, não canta muito pra cozinheira, não tem essa tradição. Mas canta às vezes, quando pede a gente canta, depende também do dono da casa. Se ele pede... Quem manda é o dono da casa, o dia é dele. Eu quero esse cantorio, eu quero um catira. A gente faz o que ele pede. A festa é do dono da casa e fala assim: a casa é nossa mas quem manda é ele. Ele pede: “eu quero um cantorio, quero um catira.” Então ele fica à vontade, tem direito de pedir o que ele quiser, a gente está à disposição ali naquela noite pra fazer o que ele quiser, o cantorio, canto pras cozinheiras, catira...

Domingos: E enquanto está tocando e cantando, o que você sente?

Marcos: Olha, aí é um turbilhão de emoções. Dá vontade de chorar, arrepio no corpo, eu sinto assim, na minha mente eu vejo uma luz que vem do céu e passa por mim. Eu já vi isso várias vezes. Eu vou cantar de olho fechado pra me concentrar, mesmo porque quem canta ali não é a gente. A gente é um instrumento do Espírito Santo, ele canta através da gente. Então quando eu vou à Folia eu me confesso. Eu vou à missa, procuro ir comungar porque é um trabalho muito importante, você está sendo um início da palavra de Deus. Você vai cantar no cruzeiro, você vai contar ali a bíblia em versos. É um texto da bíblia, que é do nascimento, do batizado de Cristo até a ressurreição. Então o que o guia faz? O guia vai na bíblia, lê aquele trecho e cria os versos dele, essa parte da bíblia. Ou ele lê e cria na hora, ou faz igual eu fiz. Quando comecei eu escrevia porque estava aprendendo, hoje em dia não faço mais isso. Mas quando comecei usei essa técnica, uma coisa que desenvolvi sozinho mesmo de escrever e mostrar pro meu tio, porque meu tio é considerado um mestre. Todos esses guias mais novos aí conhecem o meu tio. O meu tio Vítor, o seu Dizo que já é falecido, o seu Florentino Alves. E depois Joaquim. Da região nossa aqui são as referências pra todo mundo. Se alguém falar que não é está mentindo porque eles têm história. É como eu te falei, Joaquim me conta que Joaquim era criança o meu tio já era guia de Folia. Então o meu tio começou a guiar Folia, girar Folia, ele tinha nove anos de idade e meu pai tinha oito. Em torno mais ou menos da década de... Em torno de [19]53 que eles começaram a cantar Folia. Então meu tio, ele tem uma bagagem imensa, histórias imensas que ele contava de Folia, que só de contar eu aprendi muita coisa com ele. Então quando um guia de Folia canta ele

concentra. No meu caso, eu sinto igual te falei, o coração acelera e me emociono junto com a pessoa que está recebendo o cantório. Então eu procuro não olhar pra não perder o controle e não chorar também, porque emociona mesmo. A Festa do Divino é muito emocionante. Você vê nas pessoas a fé no olhar, a fé no falar... A gente chega aqui a cavalo, as pessoas esperam a gente. As pessoas ficam extasiadas com a Folia. O guia de Folia, o caixeiro, o sanfoneiro, as pessoas têm a visão daquele homem ali como um homem de Deus, um mensageiro de Deus. Principalmente o guia, porque o guia que vai cantar. O guia e o contra guia. Porque na Folia o guia e o contraguia são as pessoas, os cabeças da Folia. Eles conduzem a Folia. Eles chegam no pouso, o guia determina quem vai cantar, quem vai pro altar, quem vai pro cruzeiro. O guia escolhe os regentes. Quem são os regentes? São aqueles homens responsáveis pela fiscalização da Folia, fiscalizar quem está fora do lugar, quem não está andando na linha. Organizar as filas pras refeições, organizar os cavalos no giro. Então o regente é um fiscal da Folia. Uma função muito importante também. E também tem o mussungueiro. O mussungueiro vai à frente da Folia, chega na casa, prepara o café, prepara uma carne assada. Prepara um foguinho pra tomar um banho com água quente quem quer. Então ele vai à frente, ele sai do pouso, almoçou ele já sai na frente, chega no outro pouso e prepara pra receber. Esse lugar, a mussunga é onde os foliões descansam, onde eles dormem, é onde eles desarreiam o cavalo e lá tem uma carinha assada com um cafezinho pra quando eles chegarem do outro pouso descansar o corpo antes de começar a atividade de novo. Então o guia escolhe o mussungueiro, o regente e na hora de cantar ele escala: “fulano, vai pra mim lá, saúda o meu altar.” Ele leva a viola pro guia, entrega a viola na mão dele. E aquele guia vai ajudar ele. Na Folia não tem só um guia tem o guia cabeça, o guia chefe, o guia que organiza e tem os guias que vão ajudar. Tem o guia de alvorada que é responsável pela Folia. Vamos supor, eu sou o festeiro, chega em Joaquim: “Joaquim, quero ser guia da Folia do ano que vem.” “- Vou te dar a resposta tal dia.” Ele vai reunir os foliões que acompanham ele primeiro: “quem pode me ajudar?” “- Posso.” “- Eu posso.” Aí vai no alferes e fala: “pode marcar a Folia que minha turma vai comigo.” Porque sozinho não dá conta. Aí chegando a Folia vai alvarar, por exemplo, dia 15 de junho, uma Folia do Divino. Vamos supor, a de roça aqui, agora dia três de maio. Mas antes Joaquim já vai na casa dos foliões. Hoje em dia todo mundo tem telefone mas antigamente ia na casa dos foliões um por um convidando pra ajudar. Ou por exemplo, leva o cartaz aqui: “ó, o cartaz, a Folia vai alvarar tal dia, eu conto com a sua ajuda.” Vai na casa de um guia, de um caixeiro, de um pandeirista, dos catireiros, dos violeiros. Às vezes ia lá em São José, lá no Córrego D’Ouro que é lá de Sobradinho. Ali reunia pra convidar o pessoal pra Folia. Porque o guia sozinho não faz Folia. É muito trabalho pra o guia sozinho. O guia, vamos supor, a base de Folia são dez foliões: é o guia, contraguia, os ajudantes, um violonista, pandeirista, o tocador de reco-reco, o rebequista. Esses oito aqui. O terno que canta, dá nove. Nove. Vamos por também aí o cavaquinho, quando tem. Então, mas só que esses nove não dá conta de uma Folia, vamos supor, do dia três até o dia dezenove só eles. A voz do guia vai embora, imagine um guia sozinho, alvarar, saudar o altar, saudar cruzeiro, cantar catira. Não dá conta, ele vai nos foliões pra ajudar. Aí quando vêm os foliões ajudar a gente aqui nessa Folia nossa do mês de

maio. Quando for outras Folias que tem deles lá, aí nós vamos ajudar eles lá. Então tem esse intercâmbio. Por exemplo, tem um guia amigo nosso aqui de Planaltina que guia Folia de Rajadinha. Ele vai lá ajudar a gente depois a gente vai lá ajudar ele. Exemplo, esse intercâmbio, essa integração dos guias e dos foliões de modo geral porque sozinho não vai. É muito trabalho.

Domingos: E você acha que tem uma relação essa tradição da Folia do Divino com essa modernidade, esse tempo que a gente vive hoje?

Marcos: Tem. Tem sim. Relação em que sentido você fala?

Domingos: É possível essa tradição continuar se fortalecendo?

Marcos: É porque assim, existem jovens que estão aprendendo. Então enquanto esses jovens forem aprendendo não vai acabar a festa. A turma diz sempre esse negócio, enquanto existir jovens que buscam aprendizado mesmo que seja dançar catira. Ela vai existir. No dia que parar, que as pessoas, por exemplo, eu não quero aprender mais. Aí sim ela acaba, mas não vai acabar por isso, porque sempre de dez jovens um dois ou três querem aprender a tocar viola. Eu tenho aluno de dez anos de idade, já tive aluno de quinze, aluno de sessenta. Então assim, essa relação de comunidade tem porque como a sociedade evoluiu não tem como ficar pra trás, tem que ir junto com a modernidade. E a Folia foi junto. Antigamente na Folia, um exemplo, os foliões dormiam em baixeiro debaixo da árvore. Chegava na Folia, no pouso, desarreava. Hoje em dia cada um tem sua barraca, aqueles chuveirinhos que arma em cima. Então a modernidade veio pra Folia também, o conforto veio porque você dormir debaixo de uma árvore, eu já dormi assim em Folia. Cheguei na Folia com meu tio, a árvore aqui, nós colocamos os panos assim, dormimos lá debaixo da árvore. Hoje em dia não, hoje em dia cada um tem sua barraca, leva seu cobertor. Então esse negócio, essa relação vai existir sempre da modernidade. Porque como o progresso vem, vai junto. Antigamente por exemplo, já agora é com som, com microfone pra gente cantar. Não tinha antigamente, quando era muita gente até lá longe escutava a Folia. Hoje em dia, ano passado mesmo a gente já pegou aquele microfonezinho que coloca assim, quer dizer, a coisa já deu outro rumo. É a questão do progresso, é necessário. Mas não pode deixar perder a tradição. Esse é o negócio, quando eu fui estudar viola na Escola de Música de Brasília... Tem um amigo meu que ele falou assim: “Marcos, você vai pra lá mas não perde a sua essência. Aquela coisa da roça.” Porque eu aprendi com meu pai a tocar viola de uma forma diferente que a Escola de Música ensina. Lá é técnica, postura, aquele negócio todo, braço aqui... E a roça o cara põe a viola aqui mesmo e *[Toca na viola]*. Olha lá, vamos tocar uma música, primeira segunda e terceira. Lá não, lá é primeiro grau, quarto grau, quinto grau, é diferente. Aí o que eu fiz? Uni as duas coisas. E trago ensinamento da Escola de Música pra Folia também. Uso de escalas quando eu toco violão, ou na viola, eu uso isso dentro da Folia. *[Dedilha na viola]* Eu estou tocando aqui, estou cantando *[Toca e canta]* Pai, filho, Espírito Santo. E vou fazendo uns floreados aqui, tudo da Escola de Música pra Folia. Por exemplo, quando eu toco violão eu faço os ponteados, coisas que eu aprendi lá que é

escala maior. Que eu não sabia antes. Eu sabia mas não sabia o que estava fazendo. E tem aquele negócio, quando aprendi com meu pai ele falava: “meu filho, é primeira, segunda e terceira.” Não falava Dó maior, Fá e Sol.

Domingos: Você acha que a viola propicia isso à pessoa, o violeiro mesmo, quem mora na cidade, a se ligar a uma tradição ou buscar conhecer?

Marcos: Sim, automaticamente. Quando vejo meus alunos, falam assim: “professor, o que você dá me remete à Folia, me remete à roça.” Não tem como, é impossível uma pessoa pegar na viola caipira e não lembrar de Folia ou de roça. Não tem como, de campo, é automático. Quem falar que pegou e não lembra está mentindo. Eu penso assim, porque todos os alunos que já tive até hoje falavam: “professor, eu nunca trabalhei na roça mas quando eu pego a viola me vejo no meio do mato ali com os passarinhos cantando e eu ponteando debaixo da árvore.” É, a ligação da viola com a Folia vai ser eterna. Com a roça, com a tradição. Então quando a pessoa pega a viola, começa aula comigo e falo: “ah, eu sou folião.” “- Você é folião, professor? Como que é a Folia? Como faço pra conhecer?” Quem não conhece eu explico, dou uma noção básica e falo: “a Folia vai ser tal dia, vamos lá pra você conhecer, ver como que é.” Tem um menino mesmo que nunca foi à Folia que foi através de mim, da aula de viola. Ele: “professor, como o senhor conheceu a viola?” Eu fui explicar pra ele como eu conheci. Aí eu falei da Folia. Ele: “Folia?” E ele falou: “eu nunca fui.” Eu falei: “vamos um dia pra você conhecer.” E foi um dia conhecer a Folia. Ficou encantado. Então essa ligação vai ter sempre. As pessoas que eu conheci até hoje, que fizeram, batem na viola, eles falam em Folia e falam em roça e tocar pra família, pro pai ver, pra mãe. Então a viola te remete à tradição, ao campo e família. Essa ligação vai ser sempre com a viola. Porque a viola antigamente era de pai pra filho, não é? Era assim que passava, Folia pai pra filho. Hoje em dia, com a modernidade, como a viola ganhou um espaço maior, com a internet. Então as pessoas têm acesso à viola bem maior do que na época de meu pai, por exemplo, na minha época também, quando comecei a tocar. Por exemplo, eu só via os vinis de Tião Carreiro lá em casa, Tônico e Tinoco. E na televisão, quando tinha, uma vez por semana que era aquele programa Viola, minha viola. Não tinha mais outro contato com a viola a não ser esses. A minha sorte, a minha bênção é que meu pai era violeiro, senão eu não conhecia viola. A viola ganhou uma proporção maior, se não me engano, de [anos] noventa pra cá com o Almir Sater naquela novela Pantanal. Até então antes não tinha essa projeção toda que tem hoje em dia. Hoje em dia onde você vai tem violeiro. Nem que toque dois acordezinhos ali, mas tem violeiro, tem as pessoas que querem aprender. Entrou um aluno meu agora, ele falou assim: “professor, eu sempre quis tocar viola, não tive oportunidade, não achei um professor pra me ensinar, não achava professor.” Porque, por exemplo, aqui pra dar aula de viola, que eu saiba tem eu e conheço outros dois, só. Pra vocês verem que é um instrumento que ainda tem limitação, infelizmente. Mas mesmo assim cresceu bastante com o Roberto Corrêa, o Marcos Mesquita que são grandes violeiros. E Zé Mulato e Cassiano. E outros, Renato Andrade, o próprio Almir Sater. A viola ganhou proporção com esses nomes aí. Mas aqui em Brasília mesmo eu digo: Zé Mulato e Cassiano,

Roberto Corrêa e Marcos Mesquita, que foram nomes que trouxeram a viola para a Escola de Música de Brasília. Roberto Corrêa levou a viola pro banco de escola que não tinha antigamente e foi muito bom pra todo mundo. Então penso que a viola vai estar sempre ligada a essas três coisas aí: família, campo e tradição.

Domingos: Qual a importância da Festa do Divino pra Planaltina?

Marcos: A importância? É a importância cultural. Porque manter essa tradição é coisa religiosa onde se celebra a unidade da comunidade, que durante o ano de preparação pra Festa nós temos nove encontros. Chamam de giro orante. Então as paróquias fazem isso. Por exemplo, durante esse ano vai de casa em casa com a bandeira. Chega na casa, a bandeira chega hoje, fica durante a noite e no dia vai pra outra casa. Uma vez por semana. Então cada comunidade organiza seu giro orante. No nosso caso da Folia de Roça nós fazemos um encontro por mês, um domingo por mês. A gente reúne na casa da pessoa que oferece a casa. Aí faz uma mini Folia no espaço de quatro horas mais ou menos ali. Então tem essa integração. A maior importância da Festa do Divino no meu ponto de vista é a unidade. A fé. A Festa do Divino une a comunidade. Une através de trabalho, através de orações, através de reuniões, através de encontro. Porque está sempre se encontrando as pessoas, para [ver] como vai ser, por exemplo, eu tenho uma equipe de músicas de igreja onde moro. A minha equipe de lá vai tocar comigo aqui na missa de São Sebastião. Então a gente tem essa ligação, a nossa paróquia de lá com a paróquia de cá. Porque paróquia é uma questão só de localidade, porque todos somos uma igreja. A paróquia é por questões de espaço físico. Por não sobrecarregar o padre. A paróquia de São Sebastião, a São Vicente, a Santa Rita, Nossa Senhora Aparecida, Divino Espírito Santo. Tem a paróquia com esse nome aqui também, inclusive o padre lá foi meu aluno de viola, o padre Alceu foi meu aluno durante quatro anos, um grande violeiro. Então existe essa ligação, os festeiros de todas as paróquias se reúnem durante o ano pra organizar a festa. Como vai ser o andamento da festa, as datas que vão ser realizadas novenas. Então essa importância da Festa do Divino traz a unidade dos fiéis e mantém essa cultura que existe há mais de quarenta, cinquenta, cem anos no caso. A Festa do Divino em si são mais de cem anos, mas em Planaltina aqui voltou da década de setenta pra cá.

Domingos: Nós estamos em Planaltina, Distrito Federal. Você acha que em Brasília os brasilienses ou até outras cidades têm noção da importância e da riqueza cultural que existe no entorno de Brasília?

Marcos: Nem todos. Eu vejo que não tem por questões que lá não tem essa divulgação. O Volmi tem o encontro de Folia de Reis que está ajudando as pessoas de lá a conhecerem isso. Por exemplo, Brazlândia tem Folia do Divino lá, de Reis, Brazlândia tem essa tradição também. Acho que Planaltina, Brazlândia, o Gama, se não me engano Novo Gama, que eu sei acho que só. Tem mais, só não sei qual. Mas principalmente a capital mesmo, o Plano, Brasília não tem esse conhecimento. Os que têm é porque o avô, o pai veio da roça pra cidade trabalhar e estudar. Mas geralmente os filhos não têm esse conhecimento. Quando

tem é porque um canal mostrou, a televisão mostrou. Hoje em dia a coisa da internet, às vezes acha por acaso. Mas infelizmente ainda não tem esse conhecimento. Eu falo porque lá na Escola de Música de Brasília mesmo as pessoas não conhecem Folia. Tinha violero que não conhecia Folia. Tive contato com pessoas que não conheciam Folia. Aí tanto que o Mesquita começou a fazer um grupo de Folia, Folia de Reis na Escola de Música de Brasília em 2014 e depois parou. Aí esse grupo estava lá então as pessoas não conheciam. E se conhecem também só aquela música assim, quando conhecem *[Canta] 25 de dezembro*. A mais conhecida que eles conhecem é essa. Mas a tradição da Folia em si de Planaltina quem conhece mesmo é pessoas que como você, pesquisa, repórteres que vêm. Mas a comunidade em si, muitos não conhecem não.

Domingos: E por parte do Estado também tem um apoio, um olhar das instituições públicas?

Marcos: Sim. Aqui tem bastante apoio da administração porque como é tradição da cidade não pode se perder. Tanto a Folia de Roça como essa da capelinha a administração dá apoio total. Aqui a administração do GDF dá apoio porque é uma Festa que está no calendário. Uma Festa que foi tombada, foi registrada, tem o documento na igreja, esse documento foi colocado lá, não sei se é patrimônio cultural, coisa assim. Então a Folia de Roça tem esse apoio total, a Festa do Divino de modo geral. Todo mundo fala Festa do Divino, engloba tudo, tanto a festa da cidade quanto a de Roça tem essa ligação, acontecem simultaneamente. Começa a novena aqui a Folia está alvorando lá. Aí vai indo e vindo até o encontro no dia vinte [de maio de 2018].

Domingos: Você imagina sua vida sem a viola e sem a Folia?

Marcos: De jeito nenhum! Porque a viola, como vou dizer, ela é minha vida. Depois de Deus. E meu sustento, que eu vivo da viola, eu dou aula de viola, trabalho com música, toco música, toco em eventos, em festas. E também toco em igreja e a Folia. Então sem a viola não dá pra viver não. De [19]93 pra cá, quando eu comecei, de 2000 quando eu abracei a profissão de músico ela faz parte. Eu comecei a tocar viola com doze anos de idade com meu pai me ensinando. Mas eu não tocava a fundo porque tinha que estudar e era cobrado: “se você reprovar, olha!” Ainda por cima tinha que estudar, então ficava meio de lado. Quando eu terminei o ensino médio aí eu agarrei na viola pra valer mesmo. Quando foi no ano 2000 eu comecei a trabalhar com música, tocava com uma dupla. E fui tocando, eu vi necessidade de crescimento, de conhecimento musical porque eu não tinha muita teoria. Foi uma amiga minha, eu estava na Folia tocando, chegou uma mulher: “rapaz, por que você não vai pra Escola de Música de Brasília?” Eu falei: “eu não, não vou naquele lugar não.” “- Vai lá.” “- Não sei como é.” “- Tem um sorteio, se inscreve lá.” Eu falei: “não, não...” O nome dela é Vera. Ela estudou na Escola de Música também. Vai lá... Aí eu peguei, ela falou assim: “vai.” Me inscrevi no sorteio em 2006, segundo semestre, não fui sorteado. Eu falei: “não vou mexer com isso mais não, isso aqui é marmelada.” Ela: “vai!” Ficou no meu pé. Fui, me inscrevi, em dezembro, novembro de 2006. Quando foi o sorteio, duas vagas, vinte e dois

candidatos. Eu estou lá de cabeça baixa. E rezando, pedindo pra ser sorteado. Chamou fulano de tal. Eu falei: “ichi, só tem uma vaga.” Aí o meu nome. Eu saí pulando igual a um doido. Aí eu entrei na Escola de Música, comecei a parte profissional a evoluir. Na Escola de Música de Brasília foi onde conheci o Roberto Corrêa, fui aluno dele por três anos. Quando foi em 2009 ele falou assim: “Marcos, você pode dar aula de viola agora.” Aí eu fui dar aula, quando foi em 2010 comecei a dar aula de viola. Então assim, ela é minha companheira, meu sustento, minha inspiração. Pra tocar, onde eu vou, se não tiver a viola comigo... E o violão também, mas a viola no mesmo lugar. Eu comecei mesmo com o violão, mas a viola que é meu instrumento de estudo, instrumento de trabalho, instrumento de lazer. Então qual o seu *hobby*? Tocar viola. Qual o seu trabalho? Aula de viola. Qual seu estudo? Música. É, minha vida é essa, música vinte e quatro horas. Se eu largar a música eu acho que adoeço. Sinceramente, do fundo do coração, não me vejo sem... Outros falam assim: “ah, violeiro não tem futuro.” Eu falo: “não.” Eu falo: “eu nasci pra ser violeiro”. Uma coisa que hoje em dia eu vejo, eu nunca pensei. É igual guia de Folia, eu nunca imaginei que eu ia ser guia de Folia. Nunca mesmo, nunca pensei na minha vida em hipótese alguma ser guia de Folia. Entre tantas pessoas o Divino escolheu o Marcos. Aquele rapaz simples, simples, família simples, que não tem uma fazenda, que nunca teve fazenda. Eu nasci na cidade, mas meu pai me criou no sistema da roça. Essa foi a vantagem, meu pai era muito sistemático, criado como na roça. Meu pai capinava eu ia junto com ele. Ele ia pro meio do mato eu ia junto com ele. Ele pescava eu ia com ele. Então eu nasci na cidade, mas fui criado no sistema da roça. Eu nunca morei na roça, nunca morei, se disser que morei eu estou mentindo. E não gosto de mentira. Então fiquei na cidade, aqui em Planaltina, fui criado lá no Vale do Amanhecer, Planaltina e Vale do Amanhecer mesmo ligado. Estudei aqui, cresci aqui, meus primos todos moram aqui, minha família mora aqui. Mas nunca morei na roça. Ia pra roça com modo de girar Folia. Mas eu vou na Folia e volto pra cidade. Mas a minha criação foi de roça. Capinar, ir pro meio do mato pegar pequi... Jatobá, esses frutos do cerrado. Pescar com meu pai, ele morou na roça até rapaz. Então ele assim muito sistemático: “ó, o homem tem que fazer isso, acorda cedo.” Eu acordava seis da manhã também junto com ele. Meu pai trabalhava, meu pai era funcionário público da CLU, serviço de limpeza pública aqui de Brasília. Então assim, a gente tinha uma vida muito simples, mas muito honesta. Meu pai era um homem muito honesto. Meu pai e minha mãe foram um casal de pessoas muito honestas e passaram isso pra mim. A honestidade, a fé e meu pai sempre foi um homem muito sistemático nesse ponto de acordar cedo, de trabalhar. Eu nunca trabalhei fora também que meu pai não deixava não. Tinha que estudar. Mas só que em casa com ele... Ele estava de folga e eu tinha que estar do lado dele ali fazendo as coisas de casa. Eu vim começar a trabalhar depois já de meus dezoito, de meus dezoito nada, mais, daí era estudo.

Domingos: E seus pais estão vivos?

Marcos: Não eles já faleceram. Eles faleceram em 2009, os dois, no mesmo ano. Tanto que pra tocar viola pra mim foi difícil no começo porque ele morreu em 2009, em fevereiro de 2009. Minha mãe em setembro. E eu olho pra viola só vejo meu pai. Eu tenho lá em casa até

hoje a viola que ele comprou a primeira vez, a primeira viola que ele comprou e o violão que ele comprou. O primeiro violão dele também, o segundo violão que ele teve está lá em casa até hoje porque ele me deu de presente. Quando ele adoeceu ele me deu: “ó, esse violão é seu, essa viola é sua.” Estão lá, guardadinho lá. Então ele tocava, ele gostava de tocar, ele tocava muito Cebolão em Mi. Só que ele usava aqui em cima, não tocava solto, muito difícil. Era mais assim [*Demonstra na viola*]. Então ele ficava: primeira, segunda, terceira, aquele negócio todo. Aí meu pai, não é porque é meu pai não mas ele e meu tio, eles tinham um dueto simplesmente perfeito. Aquele dueto assim inigualável. Meu pai fazia a primeira, meu tio a segunda. Então assim era, o meu tio Vítor tem a voz desse tamanho, um trovãozão, meu pai tinha aquela voz pro lado da cigarra. Então eles contavam que quando eles começaram em Folia eles tinham, meu pai tinha oito [anos], meu tio tinha nove. E isso em Rio Verde de Goiás. A Folia de Reis passou na casa deles lá e eles foram cantar lá e fazia a sétima voz, criança né, fazia aquele *aaaiii*. Os filhos queriam carregar e meu avô não deixou eles ir na Folia com eles, que eles cantavam eles dois. Aí que meu tio começou a ir, meu pai também, mas meu pai parou. E então eles cantavam muita música caipira, muita moda. E o meu pai é minha referência como violeiro, como homem e como ser humano. Minha mãe também.

Domingos: Marcos, por que você acha que essas festas, essas Folias, tanto de Reis como Divino, se fazem cantando e não, por exemplo, só rezando ou falando?

Marcos: Eu acho que o cantar traz a alegria pras pessoas. O cantar prende a atenção das pessoas. Bem dizer, o cantar, quando você está passando num lugar que você escuta uma música, uma voz bem afinada você para pra ouvir. Você para assim: “aquela pessoa canta bem, ó que música bonita.” Então o canto atrai as pessoas tanto, isso em qualquer lugar. Na Folia, você passa num restaurante, que tem uma música ao vivo, as pessoas param pra almoçar ali, muitas vezes almoça por causa da música ao vivo. Às vezes: “ah, a comida não é boa, mas tem, lá tem o cantor X que eu gosto dele, vou lá.” Então o cantar da Folia, e também você pode ver que na bíblia, Davi tocava pro senhor. Não sei se era lira, cítara, ele tocava pro senhor, pra Deus. Então daí eu vejo que vem dessa tradição de cantar a Folia principalmente pra louvar o senhor através do canto.

Domingos: Você lembra de algum momento que você viveu na Folia que te marcou?

Marcos: Sim. O que mais me marcou mesmo pra valer foi o dia que Joaquim me fez alvorar a Folia de Reis, que eu não sabia, eu não esperava. Eu estava lá, quando eu agachei, afinei as violas, ele: “você vai alvorar a Folia agora.” Esse dia é inesquecível porque foi a primeira Folia que eu alvorei na minha vida. Isso foi em 2003 na Folia de Reis. Esse é o mais marcante de todos. Porque foi a primeira vez que eu alvorei uma Folia, que eu falei: “gente, eu vou alvorar a Folia. Eu sou o guia da Folia. Eu vou alvorar a Folia.” Foi esse dia aí, de todos os momentos esse é o mais marcante.

Daniel: Você pode cantar alguma Folia de Reis?

Marcos: De Reis, sim. A Folia de Reis já muda, o sistema de cantar é o mesmo, duas duplas mas o que muda é a melodia... A melodia e a letra. Vou cantar também a que a gente mais usa, a mais usada por nós:

[Toca na viola caipira e canta:]

*Deus vos salve alegre hora / Deus vos salve alegre hora
que os três reis aqui chegou / Que os três reis aqui chegou
Vem fazer uma visita / Vem fazer uma visita
Para o nobre morador / Para o nobre morador.*

Marcos: Tem essa e tem mais três músicas de Reis também. Então vai depender também do guia. O sistema da Folia de Reis aqui é o mesmo da do Divino. O que muda é a bandeira que é branca, tem os três Reis com o menino Jesus e a melodia, mas o sistema é o mesmo. Alvorada, os pousos, o giro, só que é na cidade aqui a de Reis. Eles giram durante o dia. Tem essa diferença. Porque Minas Gerais eles giram à noite, em São Paulo e Minas gira à noite. E de dia é o pouso. Aqui é o contrario. É o mesmo sistema da Folia do Divino, durante o dia tem o giro e à noite é o pouso. Ela começa dia primeiro de janeiro, dia dois, vai até o dia seis.

Tati: Na época do natal não faz Folia de Reis?

Marcos: Não, aqui. Tem lugar que começa no natal, não é? Eu falo, depende de cada região. Há gente que começa dia vinte e quatro vai até o dia seis. Tem regiões por aí, já conheci Folias que faziam: “ah, nossa Folia começa dia vinte e quatro, vai até o dia seis.” Ali começa dia trinta. Aqui começa geralmente dia primeiro vai até o dia seis e o giro durante o dia.

Domingos: E você tinha dito daquela ladainha que é cantada em latim?

Marcos: Sim.

Domingos: Faz um trequinho pra gente ouvir?

Marcos: Eu não sei de cor, eu sei só o começo dela, o começo é assim *[Canta em latim]* Ela é bem longa. Eu tenho que até decorar, não decorei. Eu sei cantar mas só canto lendo, não sei de cor ainda não.

Daniel: Você estava falando sobre o guia de Folia...

Marcos: É, o guia de Folia tem que saber, assim eu aprendi, eu ouvia os guias comentando uns com os outros em ir me passando. Tem que saber, é de obrigação do guia saber afinar a viola, saber cantar e saber a ladainha de cor. Porque muitas vezes chega no pouso só tem aquele guia lá, e aí? Que vai fazer? Está desafinado, como vai fazer pra afinar a viola? Muitas vezes chega num lugar, hoje em dia não tem isso mais, já aconteceu casos lá nas Folias de interior, aquelas Folias pequenininha de poucos foliões, no meio da roça ter só um guia na região e ele tinha que fazer tudo. Tinha que afinar a viola, puxar ladainha, fazer tudo. Meu

pai, quando ele foi na Folia uma vez, doze foliões só. Uma Folia de doze dias com doze foliões, você imagina o tanto que esses homens trabalhavam! Meu pai conta que o cabelo da perna dele caiu de tanto andar a cavalo. Foi em Cabeceiras de Goiás que ele contava essa história pra mim. Então o guia da Folia e o contraquia, eles têm por obrigação saber afinar a viola, saber a ladainha de cor. E essa aí eu ainda estou aprendendo, estou estudando. Porque é muita coisa pra cabeça... Mas tem foliões aí, tem guias aí que sabem de cor e salteado.

Daniel: E a de São Sebastião?

Marcos: A de São Sebastião eu não participo dela não. Tem aqui, mas não participo dela não, mas tem. Mas aqui também é o mesmo sistema. Só muda também a melodia da música, eu canto assim, quer ver?

[Toca na viola caipira e canta:]

*Pai, filho, Espírito Santo / Pai, filho, Espírito Santo
Com esse fim de oração / Com esse fim de oração
Vamos louvar ao senhor / Vamos louvar ao senhor
E mártir São Sebastião / E mártir São Sebastião.*

Marcos: Então cada Folia tem sua ramagem e a sua melodia. Mas a estrutura da Folia é a mesma em todas as três, no caso aqui de Planaltina. Tem lugar que a de Reis é de um jeito, Divino é de outro. Eu digo a cantoria, mas a composição do instrumento sempre é a mesma. É duas violas, um violão, um pandeiro, o reco-reco, a caixa e a rebeca. As Folias aqui em Planaltina, lá da Água Fria de Goiás, Planaltina de Goiás, Rajadinha é a mesma composição.

Tati: E você tinha falado também da sanfona...

Marcos: A sanfona a gente usa na Folia de Planaltina pra fazer o canto de chegada que é pé de bode, é aquela oito baixos, que todo mundo conhece como gaita de ponto, a gente usa essa.

Tati: Mas não é obrigatório?

Marcos: Não, não, não. Instrumento de Folia não tem assim um padrão. Tem Folia que você vai encontrar cavaquinho, outras não vai ter. Eu fui na Folia mesmo de Monte Alegre de Goiás que é só uma viola, uma rebeca, a caixa e oito pandeiros. Então é diferente, eles ficavam assim enfileirados. Vamos supor, oito de um lado, quatro, cinco e cinco, o guia com a viola, o contraquia com a rebeca, o ajudante dele e os pandeiristas e lá distante na fila o caixeiro. Bem diferente da nossa aqui. A nossa fica assim *[indica gestualmente]* fica duas duplas aqui, o guia com a viola aqui, mais gente do lado dele, aqui outro guia com a viola, ajudante. Do lado de cá está o violonista do lado do contraquia. Aí faz uma meia lua. Reco, pandeiro e caixa. E do lado do guia fica a rebeca. O padrão é esse, aqui faz assim, é uma meia lua assim. Então está aqui o guia, o contraquia, o ajudante aqui, os dois aqui, aqui o

reco e o pandeiro, aqui está a caixa. Perto do contrabaixo fica um violonista e perto do guia fica a rebeca. Então tem Folia que é diferente. Tem Folia que fica duas filas. No caso, a Folia de Reis de sete voz é diferente. É o capitão que fala. O capitão, depois eles fazem uma filinha assim, o último da fila é que faz o *aaaiii*. Vai de cada região. O bom da Folia do Divino, de Reis é isso aí, essa diversidade de cultura, de cantorias. Quando encontra, lá na Granja do Torto a gente encontra com Folia de Reis de outros, a gente começa a conversar pela experiência: “ah não, a nossa Folia é assim...” Lá eu fui, conheci um rapaz de Sagarana, ele me explicou como é a Folia dele. Eu conheci um rapaz de outra cidade, de Minas Gerais, ele falou: “não, lá a Folia gira de noite.” À noite, eles saem girando durante a noite, eu não sabia. Eles falando isso na época e ele: “a sua não?” “- A nossa é de dia.” “- De dia, rapaz?” Ele ficou admirado. Porque a tradição diz que os Reis andavam, eles viajavam durante a noite. Mas aqui como é cidade não dá pra você fazer à noite a Folia. É cidade, à noite infelizmente a cidade, com sua rotina, não tem como fazer à noite.

Domingos: E tem alguma mística entre a relação da viola na Folia, por exemplo, a afinação tem que ser sempre essa? Acontecem coisas místicas assim?

Marcos: Olha, eu vou te falar! *[Risos]* Na Folia que a gente gira só usamos a [afinação] Guitarra. Eu não sei outras Folias, eu não sei porque também aprendi já era assim, vem de tradição. Acontece de estar cantando aqui e o meu ouvido, já aconteceu comigo, ela está desafinada. Quando acabava eu batia, estava certinha. Mas eu não sei por que, não sei explicar como foi que aconteceu. Aconteceu comigo já isso, estava cantando e a viola está desafinada. Eu: “meu Deus do céu, essa viola está desafinada.” Estava aquela coisa feia. Quando acabava de cantar parava tudo, eu batia *[dedilha a viola]* estava afinadinha. Agora, o quê que aconteceu eu não sei explicar.

Domingos: Eu vi um folião falando que essa afinação, o dedo com o braço formam uma cruz... Já ouviu falar isso?

Marcos: Não. De onde é esse folião?

Domingos: Daqui de Planaltina.

Marcos: É? Eu não sabia não. Eu não sabia, assim? *[Dedilha a viola]* Eu não sabia, pra mim é um aprendizado já. Aprendi primeiro a afinação, eu não sei explicar o por quê dessa afinação. Nunca ninguém me falou, nem meu tio me falou o por quê. Eu penso que isso também dá por ser a questão dela ser aguda e fácil de manusear. Minha concepção é essa. Eu pensava assim, mas da cruz não sabia. Eu sei de misticismo na Folia que tem... Na bandeira tem as rosas, tem as flores na bandeira. Se uma flor cair não é bom a gente pegar. Porque se a flor cair naquele terno vai morrer um folião. Tem essa tradição que passa, essa coisa. E meu pai conta que ele foi nessa Folia que te falei que ele foi de doze dias, no giro a flor da bandeira caiu e o guia falou assim: “não pega, não pega, deixa ela aí.” Eles foram embora. No mesmo ano o guia da Folia faleceu. Então tem essa tradição. Eu particularmente não sou dessa crença, mas tem essa tradição. E respeito, a gente como folião. E eu também

não desfaço. Também por exemplo, questão de cruzar, vamos supor, a Folia vai aqui nessa estrada. *[Indica gestualmente]* Ela não pode fazer assim, fazer uma cruz, que também prejudica o folião. Pode morrer um folião. Então a gente faz, a gente segue a tradição direitinho. A Folia vai aqui, por exemplo, tem a casa aqui, ela não vai fazer isso, olha. Ela vai aqui e vai, em vez de ir por aqui ou volta pelo mesmo caminho, mas nunca pode fazer uma cruz. Tem essa tradição também.

Domingos: E pra você o que é memória?

Marcos: Memória, você fala assim... Lembranças? Pra mim a memória é você manter viva a tradição dos antigos. Manter acesa aquilo que eles passaram. Porque se perder a memória, se perder a tradição, a memória é esquecida. Eu sempre toco nesse ponto, os antigos. Porque eles são a fonte de quem quer aprender. Então se esquecê-los, o que vai acontecer com a Folia? Quando o jovem aprender. Ou por exemplo, isso que você falou que é da cruz eu não sabia. Vem de algum folião antigo que te passou. Então a memória é importante por isso, manter viva a tradição daqueles foliões que começaram lá na década de vinte, de trinta, de quarenta, de cinquenta. Se manter essa memória acesa, lembrar deles, falar neles, tocar no nome deles. Falar o que eles fizeram, o que eles passaram, sempre a história que eles contavam. Eu gosto sempre de relatar pras pessoas o que meu tio me contava. Eu não vivi mas eu digo: olha, aconteceu isso na Folia. Os guias que ensinaram o meu tio, por exemplo: “aprendi com fulano, eu vi um guia cantando tal verso.” Entendeu? Esses guias que não conheci eu conheço através de meu tio, pela memória, pelas lembranças deles. Eu nunca nem vi esses guias, mas meu tio contava. Quando o meu tio tinha a minha idade ou mais novo do que eu, os guias que ele conheceu. Memória, eu penso assim, a minha memória é isso. Manter vivo o nome desses foliões antigos. Porque deixar esquecidas essas pessoas é não dar valor do que eles fizeram. E se hoje eu estou aqui é porque eles começaram lá atrás. Igual a música sertaneja, por exemplo, hoje em dia chegou num nível aí que você vê como que está, mas muita gente esquece de falar em Cornélio Pires, em Raul Torres, em João Pacífico. Se não fosse esses homens não tinha hoje em dia música sertaneja. Eles que iniciaram. Tônico e Tinoco, Inezita Barroso, por aí vai, década de [19]30, 40, 50. Então se esquecer essas pessoas que valor tem a música sem eles? O valor, a essência da música sertaneja e da Folia está nas pessoas antigas. Eu vejo assim. Os falecidos e aqueles que ainda estão aqui entre nós. Quando eu quero saber de alguma coisa de Folia eu vou em Joaquim. Joaquim, ele é novo, ele é contemporâneo, mas tem aqueles antigos, igual o caso do seu Florentino e do meu tio. Tem o seu Jovem também que é um guia antigo. Eles são as fontes. Se daqui uns anos, daqui vinte, trinta anos eles não vão estar mais aqui entre nós e se não falarem deles, a Folia, eu penso assim, vai virar nada, vai ter outro rumo, vai virar uma festa comum. Porque eles são a essência da Folia. Eles foram os homens que o Espírito Santo usou pra trazer até hoje em 2018. E meu tio não vai em Folia mais por causa da idade dele. Eu estou no lugar dele. Daqui uns anos, quando eu tiver sessenta, setenta anos outro vai ficar no meu lugar. E se esquecerem o nome do meu tio, vamos supor, imagina eu hoje aqui falando, não falar no nome dele. “- Marcos, você começou como?” “- Ah eu fui na Folia e

comecei a tocar.” E cadê a memória da Folia, a memória do meu tio, a lembrança dele? Entendeu? Se perdeu. Então eu procuro manter isso aí. Eu dou muito valor nos foliões mais velhos, muito valor mesmo. Porque a gente que é mais jovem, os mais jovens do que eu e os outros que virão. Quer queira, quer não, estão aqui por causa deles. Primeiro por causa do Espírito Santo que usou deles pra trazer pra gente essa tradição. É assim que eu penso.

Domingos: E o que é a vida?

Marcos: A vida? A vida é dom de Deus. Sem Deus não tem vida. Pra mim resume isso, dom divino. Porque quando você deixa de crer em Deus deixa de viver. A vida vem de Deus, ele dá a vida pra gente. Pra mim a vida é dom de Deus. Resume-se nisso. É você levar pra frente aquilo que Deus te deu. No seu caso, no meu caso da gente tocar viola. Outras pessoas têm o dom de falar. Eu não tenho o dom de falar, eu falo um pouquinho acelerado, você percebeu. Então eu não falo, evito falar o máximo. Mas a gente: “olha, fala aí Marcos.” Não, o meu negócio aqui é tocar a viola. Tem pessoas que têm o dom de desenhar. Então a vida é um dom divino e eu resumo isso pra mim. É Deus. É Deus, o Espírito Santo. A vida vem dele, sem ele eu não vivo. Eu acho que ninguém vive, nem os ateus vivem sem Deus. Porque: “ah, Deus não existe.” Mas existe e Deus abençoa eles mesmo sabendo que eles falam que ele não existe.

Domingos: Se você fosse uma música qual seria?

Marcos: Música caipira. Sem dúvida nenhuma música caipira. E de preferência um pagode, que eu sou bom no pagode.

Domingos: Você compõe também?

Marcos: Não, já tentei muito, tento, tento, tento, mas não tenho esse dom de compor. Às vezes tenho, mas não, talvez eu posso ter, já fiz umas três músicas, mas não mostrei pra ninguém, mostrei pra poucas pessoas.

Daniel: E pra você o que é ser caipira?

Marcos: Ser caipira pra mim é aquela pessoa simples, a pessoa do campo, pessoa que mantém a tradição. Na cidade eles vêm caipira como uma pessoa jeca, pessoa cafona e isso não é ser caipira. Ser acaipira é hoje em dia manter a tradição viva. O que é a tradição? É o gado, quem mexe com gado. É você se vestir, usar um chapéu. Ser caipira é ser simples, ser pessoa comum. Não é falar errado, porque as pessoas às vezes pegam o caipira e rotulam como aquele que fala errado: “nós vai, nós fumo, nós vortemo.” Um dia eu fui numa palestra do Roberto Corrêa, ele falou que hoje em dia a viola caipira eles querem que mude o nome, as pessoas ficam rotulando a viola caipira porque: “ah, viola caipira tem que somente tocar música caipira.” Não. É um instrumento musical que pode tocar música sertaneja, música da roça e pode tocar um jazz, um rock. Eu uso a viola caipira pra tocar na missa. Então ser caipira é ser simples. Tem aquele caipira que vive na roça mesmo, que planta, que colhe lá, que trabalha na roça e não sai de lá por nada nesse mundo. Eu tenho amigo que fala assim:

“daqui eu não saio de jeito nenhum pra cidade.” Então no meu caso aqui o caipira eu sou, porque sou simples, porque gosto da música sertaneja. Eu vejo assim, desse ponto de vista. Mas eu poderia falar, uma vez eu estava de botina o cara: “ah, lá vem o caipira.” Eu já vi isso demais. Agora eu me chateio: “lá vem o caipira.” Não tem nada a ver, o caipira é a pessoa simples. Simples. Eu conheço gente, já tive aluno que anda de terno todo e é caipira porque é simples. Ele é simples, não tem aquela coisa, não tem, de você falar: “olha o caipira.” Não. É uma botina, é um calçado, como um tênis, como um sapato.

Domingos: Você falou de um termo, cantório. As toadas são os cantórios?

Marcos: É porque a gente fala assim, quando saúda o altar, é a saudação do altar. Vai falar das coisas do altar. A gente costuma falar cantório pra diferenciar do altar, do cruzeiro. O cantório é quando vai, por exemplo, chega na casa a pessoa pede uma benção. Você não vai saudar o altar, vai abençoar aquela casa e o morador. Chega no pouso: “ah, eu preciso de um cantório pra minha saúde.” Então vai fazer cantório pra isso aí, específico pra saúde. Então vai cantar e dentro da letra se faz o verso na hora falando que o Divino abençoe a pessoa e dê a ela saúde. Por exemplo, tem cantório de esmola que fala, é o simples, a pessoa pede cantório de agradecimento. Aí tem que fazer, a pessoa agradece ao Divino pela saúde dela ou por conseguir emprego, passou no concurso, passou na prova de escola, entendeu? A gente faz o cantório ali e se pede esmola. O que é esmola? É uma contribuição pro Divino Espírito Santo, que essa contribuição, quando entrega a Folia esse dinheiro o alferes pega e com o guia, em consenso, pode ser dado pra igreja ou em cesta básica. Ele tem a finalidade desse ponto, fazer a caridade ou vai pra igreja. O dinheiro que a gente canta, começa pedindo, pede esmola pra pessoa. A pessoa vai lá e pega, vamos supor X reais e entrega lá amarrando a bandeira. Aí pega esse dinheiro e guarda ele. No fim da Folia faz aquele somatório de quanto deu. Vamos supor, deu mil reais em todo o giro. Vai cantar falando que deu tantos reais e que vai ser entregue pro alferes passar pro padre na igreja ou pra caridade, depende da finalidade do dinheiro. É alguma coisa de obra social. Cesta básica ou pra Folia comprar, por exemplo, panelas pro povo fazer comida, compra um instrumento. A finalidade é essa do dinheiro da Folia. Ou então pra igreja mesmo. Depende de cada festeiro, pega esse dinheiro com uma finalidade, ele vai pensar: vou por na cesta básica. Aí vai, compra, vai nos Vicentinos, vai num lugar de pessoas carentes e entrega a cesta básica. Então cada um tem o seu jeito de trabalhar com esse dinheiro.

Daniel: E esse cantório é todo de verso de improviso?

Marcos: Todos.

Daniel: Ou ele tem uma estrofe?

Marcos: Geralmente o começo e o final. O começo que é benzer o corpo, geralmente é decorado. E o final. Mas o meio é na hora. É improvisado. Tanto que se você me perguntar o cantório que eu fiz. Por exemplo, se eu fizer um cantório pra ela aqui agora, depois eu não

vou saber te falar o que eu falei. Mas eu vou saber te falar o começo e o quê que foi. Mas o verso em si, de dez vou lembrar um ou dois.

Daniel: Mas o início e o fim...

Marcos: Geralmente é já na cabeça.

Daniel: E como é que você começaria e terminaria, só pra gente gravar você tocando...

Marcos: O começo do cantório você quer? *[Toca instrumental]*. Espera aí, vou mudar aqui a toada fazer outra pra você

[Toca na viola caipira e canta:]

*Meu sentido foi no céu / Depois na terra voltou
Foi pedir Deus os poderes / É quem o mundo criou.*

*Pai e filho, Espírito Santo / Fizemos sinal da cruz
São três palavras sagradas / Formam o nome de Jesus*

Marcos: Ou seja, começa com o sinal da cruz. Igual a missa, a missa começa com o nome do pai e termina com o nome do pai. E o final também é a mesma coisa.

[Toca na viola caipira e canta:]

*Terminando o cantório / Com o nome de Deus também
Pai e filho, Espírito Santo / Para todo sempre amém.*

Marcos: Então vai começar com o sinal da cruz e terminar com o sinal da cruz. Só que os versos vai variar de cada guia, entendeu? A estrutura é de acordo com a missa também. A missa começa com a bênção e termina com a bênção. Então a mesma coisa, o cantório também. Isso vale pra todo trabalho da Folia. O altar, cantório, bendito de mesa, orações de cruzeiro, despedida. No caso, o agasalho, na chegada pedindo o pouso, todos vão começar com o sinal da cruz e terminar com o sinal da cruz. Que o centro de tudo é o pai, o filho, Espírito Santo que é o que governa o mundo. Sem eles não tem nada. Então o principal louvor da Folia está na santíssima trindade, Deus pai, Deus filho, Espírito Santo. Então começa clamando a trindade e termina também com a trindade santa.

Daniel: No caso, esse da Folia do Divino?

Marcos: É.

Daniel: E da Folia de Reis?

Marcos: É a mesma coisa também, só muda a melodia. Mas o começo é o mesmo, o final é o mesmo também.

Daniel: Também com o...

Marcos: O sinal da cruz, exatamente. Folia de Reis, São Sebastião, Divino é a mesma coisa. Eu acho que toda Folia tem essa tradição, esse costume... Porque se você vai fazer uma oração, eu falo no caso do católico, é o sinal da cruz. Qualquer oração, o terço, uma novena, a santa missa, primeiramente de tudo. Então começa com o sinal da cruz e termina com o sinal da cruz, que na Folia eles falam benzer o corpo. Benzer o corpo, pedir a bênção de Deus. Pedir a luz divina pra inspirar os versos que vai vim. Então por isso que eu falo, o guia de Folia, os foliões de um modo geral, todo mundo tem que estar em sintonia com o Espírito Santo o ano todo. Eu falo: procure ir à missa, procure comungar. Porque nós somos pecadores, somos fracos, falhos, mas tem que buscar Deus sempre. Igual te falei, a minha vida sem Deus não tem como. Eu sou muito ligado à religião católica. Eu procuro estar sempre ligado. Porque meu tio: “meu filho, o guia de Folia tem que conhecer a bíblia.” O que faz o guia de Folia? Cantar a divindade é dom de Deus e a bíblia. Tendo a bíblia na mão tem tudo. Porque fala assim, está tudo na bíblia, que é o livro inspiração para o guia de Folia.

Domingos: E a família que vai ser festeira de cada ano, qual é a responsabilidade, o que essa família precisa?

Marcos: Eles vão trabalhar na estrutura da Festa, vão organizar tudo. Pedir o pouso, organizar quem vai, as pessoas que vão montar, que vai trabalhar pegando pesado mesmo, montar as barracas, os cozinheiros, a confecção da bandeira, a confecção do lenço. Toda essa parte logística, o festeiro envolve tudo isso. Organizar tudo. Desde a alvorada ele está envolvido com tudo. Até o pouso, ele tem que pedir na casa: “ô fulano, você dá o pouso da minha Folia?” Aí o outro diz: “sim.” Ele vai ajudar a pessoa também, a pessoa às vezes precisa de uma assistência lá. Por exemplo, preciso de um pouso, tem que ir lá: “olha, você tem que montar a barraca aqui. A mussunga vai ficar ali.” É o que eu te falei, a mussunga é onde os foliões descansam. “- Você monta o altar desse jeito.” Ele tem que estar ligado em tudo, o festeiro. O guia está com ele também, mas a parte logística mais é o festeiro que vai à frente. Ele que vai pedir as doações também à comunidade, para a Festa do Divino, tem muita doação da comunidade. Doação de alimentos, doação de trabalho. Então a comunidade é o que te falei, a unidade é essa também, a comunidade se doa por inteiro. Em alimentação, em trabalho, em transporte. Então a comunidade faz assim, é incrível a doação das pessoas. É tocante. Você vê as pessoas assim, se doam de verdade, doam fisicamente, espiritualmente, no trabalho, na oração. Então o festeiro tem todo esse trabalho. Ele vai em busca das pessoas que, vamos dizer, no caso da missa, eles têm que correr atrás dos padres que vão celebrar as missas todo dia. Cada dia é um padre diferente. Aí o festeiro deixa a pessoa com a missão de levar o padre e trazer o padre. Tudo ele tem que pensar, o festeiro. Ele tem que arrumar o som que vai na Folia todinha pra missa. Os músicos que vão tocar na missa, tem que preocupar com os músicos. O transporte dos foliões, que tem uma van que busca os foliões aqui em Planaltina e leva pra lá. E essa van vem girando com os foliões que não andam a cavalo até chegar aqui na cidade. Tudo isso ele que está à frente.

Documentação, ofício pra pedir um carro do governo, tudo isso é o festeiro, os festeiros de um modo geral, tanto da roça como da cidade.

Domingos: E esse ano a festeira dessa Folia é uma jovem?

Marcos: Isso, a Maria Eduarda. O pai dela faleceu ano passado, mas a família dela é família que já teve, de festeiros de tradição. O tio foi festeiro, o avô foi festeiro, o primo foi festeiro, a tia foi festeira. Não, espera aí, deixa eu ver, deixa eu fazer a conta aqui direitinho: [19]95, 2001, 97 e 2011. É. O avô, o primo, a tia e o irmão. Então eles têm tradição da Festa do Divino. O tio dela, um dos tios dela que antigamente organizava a missa, arrumava a igreja e tudo. A família deles é bem de tradição da Festa do Divino. O pai dela era um grande folião, ele não tocava não, na música, mas ele estava à frente de tudo ali. Foi um grande, como é que vou dizer, baluarte da Folia de Roça foi ele. O pai dela, o avô dela, os tios dela. E isso tanto da parte da mãe também, que o avô dela materno foi festeiro também em 2005.

Domingos: E a pessoa sente uma realização?

Marcos: Sente. Muito grande. Quando a Folia acaba, entrega a Folia, você sente assim, missão cumprida. Aquela paz de saber que você fez o que o Divino Espírito Santo te incumbiu, que entregou a missão. Aí é aquele chororô todo, aquela emoção toda. Essa sensação de missão cumprida. Aquela felicidade. Dá uma alegria muito grande você ver as pessoas ali, obrigado por ter me chamado, por ter confiado em mim. A gente agradece também o guia. A gente é agradecido por confiar no guia, entre tantos guias escolher você pra guiar a Folia você fica, se sente honrado com isso. Chega assim: olha, guia a Folia pra mim. Você dá o sim pra pessoa, quando termina você sente honrado. Por quê? Entre tantos foliões, tantos guias, você foi escolhido pra guiar aquela Folia ali. E essa Folia de Planaltina é especial porque é a Folia tradicional. Joaquim, essa Folia ele guia já tem vinte e oito anos, se não me engano, que ele está na frente dessa Folia. Então eu me senti muito honrado quando fiz o contraguia com ele porque é uma posição muito importante pro folião de Planaltina, estar na frente da Folia de Roça. E hoje em dia sendo um guia junto com ele, então eu me sinto muito honrado mesmo. Honrado e agradecido a Deus, a ele e meu tio. Porque sem isso não tenho nem palavras pra dizer o tanto que eu sou grato a esses homens. Eu só posso dizer obrigado mesmo de coração. Porque a sensação de entregar uma Folia, chega em casa, assim que deita, é muito divina, missão cumprida, obrigado pelo dom que o senhor me deu. É, a minha oração é essa, todo dia. Obrigado porque eu nunca pensei em chegar nesse lugar que estou hoje em dia.

Domingos: Tem algo que a gente não tenha perguntado que você queira falar?

Marcos: Não. Está tudo certinho, é isso mesmo. Te falei como eu comecei a tocar viola, te falei tudo, então é isso mesmo. Ó, o Joaquim, o sogro de Joaquim chama Antônio Targino. Ele toca pé de bode, é guia de Folia e não sabe também ler. Eu falo, é dom divino, não adianta a pessoa estudar. Porque olha, meu tio[-avô] Elpídio mesmo, muitos outros guias que eu não conheci que nunca foram na escola e cantavam, você ficava de boca aberta. O

meu tio quando cantava, meu tio não, meu tio teve estudo, ele trabalhava, ele foi funcionário público. Mas no caso do meu tio avô, Elpídio, ele não sabia ler. Não sabia ler, chegava, ele não sabia fazer um O com o fundo da garrafa. Mas ele falava: “meu filho...” Meu tio me contando. “- Você sabe ler, tem a bíblia, você vai à bíblia.” E ele passou isso pro meu tio, meu tio passou pra mim. E o seu Antônio Targino também toca uma sanfona pé de bode que você fica admirado. Então são homens assim que eu falo, eu sempre vou voltar nos mais velhos, por isso não tem pra onde correr, eles são muito especiais, muito importantes pra todo mundo que vai na Folia de Roça. Qualquer Folia de Roça, seja a nossa do Divino aqui, seja a de Planaltina de Goiás, seja lá em Minas Gerais, os mais velhos vão ser sempre admirados porque eles são a fonte, são a raiz de tudo. Então, por que esses homens eu admiro? Pois não tiveram estudo. A instrução que eu tive e que todos os outros hoje em dia têm acesso eles não tiveram. E cantavam. Talvez eu não faço o cantor que eles faziam. Não faço. Não faço, por mais que eu leia, que eu pesquise sobre a Folia, que eu veja vídeo, que eu viaje, não vou fazer porque é particular. É igual, por exemplo, Tião Carreiro e Pardinho. O Tião Carreiro mesmo, vejo cara querendo tocar igual a ele aí. Ninguém vai tocar igual o Tião Carreiro porque é particular dele. Ninguém toca igual você porque é o seu. Então é a mesma coisa esses foliões. Você pode dizer assim, eles vão ter seu jeito de tocar. Mas o que você faz tem alguma coisinha que é sua, a sua essência ali na viola. É o caso de meu pai. Minha irmã fala: “você não vai tocar igual o nosso pai.” Eu falo: “não vou mesmo!” Não tem como. E meu pai não teve estudo de música. O estudo que eu tive, que eu tenho, meu pai não teve, mas nunca eu vou tocar igual ele tocava. Igual, por exemplo, meu tio Vítor, seu Antônio Targino. Esses guias assim que não... Meu tio avô, eu não cheguei a ver ele cantando não, mas eles não liam. Meu tio não, meu tio tem instrução. E eles não tinham mas cantavam divinamente. Seu Antônio eu tive o prazer de guiar uma Folia pra ele, de responder pra ele que é o sogro de Joaquim. É uma inteligência notável que esse homem tem. Tanto pra criar versos como pra tocar sanfona. É incrível ele cantando pras cozinheiras, cantando cantor, ele está aí firme e forte com oitenta e poucos anos.

[Toca na viola caipira e canta:]

*Meu sentido foi no céu
Deus fez do pai a trindade
Pede poder e sabedoria
Pra cantar na divindade.*
